

A REPRESENTATIVIDADE AUTISTA EM FILMES E SÉRIES NA PERSPECTIVA DE PESSOAS COM AUTISMO

Maria Gabriela Vicente Soares ¹

Kethelyn Lay Basílio Nunes de Brito ²

Mickaelle Fernandes Cordeiro ³

Wesley Alves de Araújo ⁴

Viviane Alves dos Santos Bezerra ⁵

Lilian Kelly de Sousa Galvão ⁶

RESUMO

A popularização do conhecimento acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos possíveis fatores responsáveis pelo crescente índice de diagnósticos. Atualmente, uma das principais formas de propagação de informações sobre o autismo na sociedade é a sua representação em filmes e séries. Entretanto, as ideias apresentadas por esses meios comunicativos podem estar incompletas ou imprecisas, apresentando o autismo, muitas vezes, de forma estereotipada. Ressaltando a necessidade do protagonismo de pessoas autistas e tendo como base a definição de autismo explicitada no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5), o presente estudo objetivou analisar relatos de jovens e adultos autistas, publicados no *Instagram* de janeiro a dezembro de 2021, sobre a representatividade do TEA em filmes e séries. Trata-se de uma pesquisa de análise documental e coleta de dados públicos de rede social. Para tal, 68 perfis foram analisados e tiveram suas publicações transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo de L. Bardin. Com a colaboração de três juízes, o conteúdo coletado foi organizado em duas categorias: Críticas à representação estereotipada de personagens autistas e Contribuições identitárias e sociais do protagonismo de personagens autistas. Em seguida, com o objetivo de ampliar a análise, o *corpus* foi submetido ao programa IRaMuTeQ. Por meio de uma Nuvem de Palavras, os termos elencados foram organizados e agrupados graficamente em função de sua frequência. Espera-se que a sistematização das informações contidas neste trabalho possa levantar a discussão de como a mídia pode, por um lado, contribuir para divulgar uma imagem caricaturada das pessoas diagnosticadas no TEA (homens, brancos, com inteligência acima da média), e, por outro, pode ser um canal identitário e fortalecedor do sentimento de inclusão e de pertença de pessoas autistas na sociedade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Filmes, Séries, *Instagram*, Análise de Conteúdo.

¹ Graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicop.mabi@gmail.com;

² Graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, kethelynlay15@gmail.com;

³ Graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mickaelle2016fernandes@gmail.com;

⁴ Graduando do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, weslleyaaraujo@gmail.com;

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, vivianebezerrapsi@gmail.com;

⁶ Professora orientadora: doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente do curso de Psicopedagogia da UFPB, lilian.galvao@academico.ufpb.br.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua 5ª edição (DSM-5), como um transtorno do neurodesenvolvimento no qual apresentam-se déficits na comunicação social em diversos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Tendo em vista que trata-se de um transtorno que produz heterogeneidade fenotípica, ou seja, características físicas e comportamentais diferentes para cada indivíduo, tanto em manifestação como em gravidade (GRIESI-OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017), as pessoas no espectro autista não possuem características físicas que permitam a sua identificação.

Proposto pela primeira vez por Kanner (1943), não mais como característica da esquizofrenia, mas como um distúrbio único, o autismo foi considerado um transtorno psiquiátrico que cresceu vertiginosamente em um curto período de tempo (RIOS, et al. 2015). Eleito como a “grande causa nacional”, em 2012, na França, o TEA hoje configura uma suposta “epidemia” e as estimativas apontam para uma prevalência de um autista a cada 68 crianças, ou seja, 1,47% (ALMEIDA; NEVES, 2020). Estudos apontam que esse aumento dos casos se deve, em parte, à maior sensibilidade dos instrumentos diagnósticos, além da maior propagação de conhecimento a respeito do TEA (SCHMIDT, 2017).

Levando em conta este último fator, é válido ressaltar que uma das principais formas de propagação de conhecimento na contemporaneidade são as produções cinematográficas. Por meio de tais produções, pode-se ter contato com as mais diversas realidades, tendo em vista que a diversidade e a representatividade são fatores imprescindíveis em seus conteúdos (ROSA, 2020). Em contrapartida, as informações transmitidas por este meio de comunicação podem se apresentar de forma incompleta ou imprecisa, surtindo efeitos negativos na sociedade.

Prochnow (2014), em sua pesquisa a respeito da representação do autismo nos meios de comunicação audiovisuais, diz que “a televisão e o cinema estão limitados no que escolhem ilustrar e destacar sobre o TEA em suas programações” (PROCHNOW, 2014, p.133-134). A autora reconhece que a televisão e o cinema não são culpados pela falta de representatividade, pois, como mencionado anteriormente, o transtorno possui uma ampla gama de características, o que dificulta a representatividade. Ainda assim, Prochnow (2014) diz que poucos aspectos do autismo são exibidos para que haja, de fato, uma representatividade eficaz.

Não obstante, algumas formas de representação de personagens autistas em filmes e séries não denota, por si só, um equívoco. Entretanto, é a generalização das características, sugerindo um padrão, que contribui de forma negativa para a percepção do TEA mediante a sociedade. Um exemplo de característica frequentemente representada é a de autistas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Esses casos são chamados de dupla excepcionalidade, no qual podem coexistir, em um único indivíduo, o alto desempenho em alguma área e um transtorno, distúrbio ou deficiência (CIPRIANO; ZAQUEU, 2022). Essa é uma forma recorrente de representação em conteúdos midiáticos, entretanto, é válido salientar que, na realidade, esses casos correspondem à uma minoria (OUROFINO; FLEITH; GONÇALVES, 2011).

Outra característica representada em filmes e séries com grande frequência é a de personagens autistas como sendo, majoritariamente, do sexo masculino. Um dos fatores que podem impulsionar essa forma de representação é a divulgação do TEA como um transtorno que afeta majoritariamente a população masculina, do que a feminina, numa proporção de uma mulher diagnosticada com TEA, para quatro homens (FOMBONNE, 2009). No entanto, nas últimas décadas, pesquisadores vêm se debruçando nesta temática e questionando a possibilidade da diferença na incidência do autismo estar relacionada a uma discrepância nos sinais do transtorno em mulheres, quando comparadas aos homens, de modo que elas possuam uma maior facilidade em mascarar as características do TEA (MIZAEL; RIDI, 2022). Outra razão que pode contribuir para o menor índice dos diagnósticos nas meninas é que os comportamentos oriundos do TEA, como a dificuldade na socialização, são facilmente associados à timidez, uma característica tradicionalmente esperada em meninas (SINGER, 2017; RATTO et al., 2018).

Por sua vez, um fator que poderia facilitar a abrangência da representatividade do TEA é o encorajamento de um número maior e mais amplo de personagens na tela, visando a abertura de caminhos para uma representação multifacetada da condição que considere que um único personagem não é capaz de representar toda a heterogeneidade do espectro (NORDAHL-HANSEN et al., 2017).

Com base no exposto, este estudo objetiva investigar o que jovens e adultos autistas publicam em suas redes sociais, mais precisamente no *Instagram*, sobre a representatividade do TEA em filmes e séries. A possibilidade de inserção no mundo virtual trouxe às pessoas com deficiência a saída de uma experiência privada, centrada no especialista, para uma experiência socialmente compartilhada, em que o autista é protagonista de sua própria história (ORTEGA, et al. 2016). Acredita-se, portanto, que a sistematização deste conhecimento

contribuirá para a discussão teórica acerca dos pontos positivos e negativos da representação de pessoas autistas em conteúdos cinematográficos.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa de análise documental e coleta de dados públicos de rede social (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Esta abordagem permite explorar dados de determinada população em um certo contexto, neste caso, a população autista no *Instagram*, e descrever suas respectivas características, dentro da temática escolhida.

Para a coleta de dados, buscou-se por perfis no *Instagram* de jovens e adultos autistas, brasileiros, que produziam conteúdos acerca do autismo na referida rede social. Para seleção destes perfis, utilizou-se descritores como “autista”, “TEA”, “atípico”, “asperger”, entre outros semelhantes. Após a seleção inicial, foi realizada a filtragem dos perfis, dos quais foram descartados aqueles que eram administrados por pessoas não autistas, os infantis, os que continham privação de seguidores e os que não produziam conteúdo sobre autismo.

68 perfis foram considerados aptos para o processo de filtragem do conteúdo. Para a formação do *corpus* de análise da pesquisa, dentro do recorte temporal de janeiro a dezembro de 2021, as legendas de *posts* dos perfis selecionados foram transcritas na íntegra em arquivo Word, desconsiderando vídeos, *stories* e *reels*.

O *corpus* foi lido e analisado por três juízes que selecionaram apenas os perfis que continham publicações sobre representatividade do TEA em filmes e séries, sejam estes como personagens principais ou coadjuvantes. Após o processo de filtragem de conteúdo, apenas 9 perfis foram escolhidos para a realização da análise de conteúdo categorial.

A organização dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que conduz descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que favorecem a reinterpretação das mensagens em um nível que busca exceder a leitura comum (MORAES, 1999). Desta forma, possibilitou-se a formação de categorias temáticas construídas a partir da colaboração de juízes, que definiram a pertença dos conteúdos às categorias, com índice de concordância de, no mínimo, 2 para 1.

Com o objetivo de ampliar a análise e sistematizar os dados relacionados aos filmes, séries, personagens e assuntos que apareciam com maior frequência, os *posts* transcritos no arquivo Word foram formatados para serem analisados no programa IRaMuTeQ, que, segundo Camargo e Justo (2013), é um *software* gratuito, desenvolvido por Pierre Ratinaud,

que viabiliza análises estatísticas sobre *corpus* textuais, desde a lexicografia básica, até análises multivariadas. O *corpus* foi submetido à análise por Nuvem de Palavras, que tem por objetivo agrupar e organizar as palavras graficamente, em função de sua frequência (CAMARGO; JUSTO, 2013). Neste tipo de análise, as palavras são organizadas em uma espécie de resumo visual, de modo que, quanto maior a palavra, maior a importância e representatividade dela no texto (CARMO et al., 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Análise categorial

O material coletado nos perfis foi organizado em duas categorias e oito subcategorias. A primeira categoria foi denominada "Críticas à representação estereotipada de personagens autistas" e contou com seis subcategorias. Já a segunda recebeu o nome de "Contribuições identitárias e sociais do protagonismo de personagens autistas", possuindo duas subcategorias. Segue a descrição e análise categorial.

1.1. Críticas à representação estereotipada de personagens autistas

A primeira categoria abarcou as postagens que continham críticas à representação de personagens autistas em filmes e séries, por reforçarem alguns estereótipos. Esta categoria foi subdividida em: "Autistas são gênios?", "Autistas são todos homens?", "Autistas são brancos de classe média?", "Autistas são incapazes de atuar?", "Autistas têm cara?" e "Autismo precisa ser superado?".

A subcategoria "Autistas são gênios?" traz uma crítica ao estereótipo, muitas vezes representado em alguns filmes e séries, de que o TEA está impreterivelmente relacionado com altos índices de inteligência. Neste sentido, destaca-se o *post* publicado no perfil nº 17, ao dizer: "autistas são gênios? muitos já devem saber a resposta (e a resposta é não). Mas, ainda assim, filmes e séries costumam representar autistas sendo sempre gênios (...)". Uma das possíveis causas dessa representação equivocada, são os casos de dupla excepcionalidade, como discutido por Cipriano e Zaqueu (2022). Ainda que representação ficcional de um personagem autista com altas habilidades não seja, por si só, equivocada, o erro está em fazer disso um padrão. Como retrata a autora no perfil nº 17 "nem todos os autistas são superdotados e nem todos os superdotados são autistas". Outro fator que pode contribuir com esse estereótipo é o hiperfoco, uma característica comum entre pessoas neurodivergentes, que

as levam a se aprofundar em pesquisas e, conseqüentemente, melhorar as habilidades, em suas áreas de interesse (RIBEIRO, 2021).

A segunda subcategoria, denominada “Autistas são todos homens?” engloba postagens com debates referentes à representação majoritária de personagens autistas sendo pertencentes ao sexo masculino. O relato da autora do perfil nº 26 ilustra bem o conteúdo pertencente a essa categoria: “confesso que antes de receber o diagnóstico de autismo, eu não me identificava com nenhum personagem autista que via na TV ou nos filmes (...) de fato, os personagens geralmente são homens (...)”. Além desta forma de representação influenciar na autoidentificação de mulheres autistas, como foi relatado pela autora do perfil nº 26, há relatos de que a falta de representatividade de mulheres autistas em filmes e séries contribui para o reforçamento de estereótipos sociais atribuídos às pessoas com TEA. Como exemplo disso, vemos o relato da autora do perfil nº 17:

“(...) Eu acho que essas pessoas imaginam que seremos clones do Rain Man, do Shaun de The Good Doctor, do Sam de Atypical. Percebeu que só citei homens? Pois é, a maioria dos personagens autistas de filmes e séries que muitos conhecem (e usam como referência de autismo) são homens. Até tem mulheres autistas, mas é em uma quantidade muito menor. Muito menor mesmo. O que torna ainda mais comum mulheres autistas escutarem que não parecem autistas, que não temos cara de autista, A gente não vê o autismo, a gente convive com o autismo (...)”

Essa forma de representação estereotipada é, indiscutivelmente, reforçada pela incidência divulgada de que o espectro autista é composto, em sua grande maioria, por homens, ressaltando o parâmetro de 4:1 (FOMBONNE, 2009). Vale reiterar, entretanto, que um dos motivos plausíveis para essa estatística, é a de que as mulheres podem mascarar as características do TEA com maior frequência, dificultando o diagnóstico precoce (MIZAEL; RIDI, 2022).

Na terceira subcategoria, denominada “autistas são brancos de classe média?”, foram inseridas postagens que trazem críticas à representação estereotipada de personagens autistas em filmes e séries, em relação à etnia e classes sociais. Esta categoria, assim como a anterior, também inclui debates na perspectiva da autoidentificação de autistas. O *post* encontrado no perfil nº 39 é exemplo do conteúdo pertencente a essa categoria. Ao fazer uma avaliação da segunda temporada da série Amor no Espectro, o autor da postagem relata não ter se identificado com nenhum dos personagens:

“(...) eu havia me frustrado com a pouca representatividade de pessoas não brancas na primeira temporada e esperava que na segunda fossem reparar essa e outras falhas, porém me frustrei mais uma vez por não ver nenhuma pessoa preta, como eu, na série.”



A insatisfação dos autistas com a representação em filmes e séries não é só em relação às características dos personagens. Um exemplo disso é a subcategoria “Autistas são incapazes de atuar?” que traz reflexões relevantes acerca dos atores que são convocados para interpretar personagens autistas. O autor do perfil nº 21, fez um *post* para explicar aos seus seguidores o conceito de *cripface*, tomando como exemplo a série *Atypical*, em que o ator neurotípico Keir David Peters Gilchris interpreta o personagem autista Sam Gardner. O autor do perfil explica:

“ (...) o que acontece nessa e em tantas outras séries e filmes com personagens autistas se chama *Cripface*, que nada mais é do que atores sem deficiência interpretando pessoas com deficiência. Isso é extremamente desrespeitoso conosco e o ideal seria que chamassem sempre personagens autistas para interpretar autistas, cadeirantes para interpretar cadeirantes e assim por diante (...)”

Em seguida, o autor do perfil finaliza a sua fala dizendo que a comunidade autista é tão carente de representatividade que acaba comemorando o surgimento de qualquer personagem autista, mesmo não sendo representados da maneira correta. A *cripface* é uma forma de reforçar o capacitismo, podendo ser interpretada como uma afirmação silenciosa de que os autistas não são capazes de atuar em filmes e séries. Contribuindo com essa discussão, a autora do perfil nº 06, ao citar o filme *Music*, diz

“ (...) uma neurotípica, interpretando uma autista não verbal. E daí? vamos lá autistas são seres humanos completamente capazes daquilo que querem, sim, SOMOS SERES HUMANOS. Antes de autistas, somos gente. Ser vivo. O autismo faz parte da gente, mas não é apenas isso que somos. Sia ficou revoltada dizendo que quando *Atypical* lançou não houve toda essa polêmica, mas tá certo? Não. *ATYPICAL TAMBÉM ERROU NISSO*. Não passo pano pra Sia, e nem pro diretor de *atypical*. Ambos erraram, ambos tomaram atitudes capacitistas. (...)”

A subcategoria “Autistas têm cara?” remete ao fato citado na introdução deste trabalho de que o Transtorno do Espectro Autista não possui características físicas. Neste sentido, a autora do perfil nº 17 relata que já ouviu comentários de colegas na escola sobre não terem percebido o seu autismo, ou até mesmo sobre ela não parecer autista “ (...) não temos cara de autista. A gente não vê o autismo, a gente convive com o autismo. Você pode ter um amigo autista e nem saber (...)”. Em seguida, no mesmo *post*, a autora utiliza-se de uma cena da série *Atypical* para explicar aos seus seguidores que o autismo não é uma conquista, mas algo com o qual se nasce, ela exemplifica relatando que, nesta cena, o Sam tentou explicar que ser autista para ele é comum, pois simplesmente é quem ele é. Ainda neste sentido, a autora relata “já me perguntaram como é ser autista, e como me sinto sendo autista. Acredito que essas sejam as perguntas mais difíceis que já me propuseram. Nunca consegui responder.”.

Além de todos os fatores citados, é recorrente a representação midiática de autistas como exemplos de superação, em que conquistas pessoais como a inserção em um ambiente

de ensino superior ou no mercado de trabalho, são tidas como fatos extraordinários. Neste sentido, a subcategoria “Autismo precisa ser superado?” agregou publicações que estimulam o debate anticapacitista, em favor da extinção do conceito de que para uma boa qualidade de vida da pessoa autista, as características do transtorno precisam ser superadas. Como exemplo desta categoria, o autor do perfil nº 04 diz “Existem vários filmes, séries e documentários sobre autismo, ou com personagens autistas. Porém, muitos ainda criam seus personagens com base em estereótipos, além de usar o autismo como algo a ser superado.”

1.2. Contribuições identitárias e sociais do protagonismo de personagens autistas

A segunda categoria, denominada “Contribuições identitárias e sociais do protagonismo de personagens autistas”, em contraposição à categoria anterior, englobou as postagens que elencaram relatos de autistas aprovando a representação de personagens autistas em filmes e séries e suas contribuições para a sociedade. Esta categoria foi subdividida em “A formação de uma identidade autista” e “A divulgação na sociedade da neurodiversidade e de conhecimentos sobre autismo”.

A primeira subcategoria, “A formação de uma identidade autista” organiza o conteúdo produzido por autistas que defendem que os filmes e séries com personagens autistas podem contribuir com a formação de uma identidade para pessoas no espectro. Neste sentido, é destacável o trecho do *post* encontrado no perfil nº 17, no qual a autora faz um *feedback* positivo da série *Atypical*, ao relatar que ela se diferencia das demais, por retratar várias temáticas referentes ao autismo. A autora afirma:

“(…) É uma série completa que faz com que muitos se identifiquem com as experiências do Sam. O fato do Sam não entender os outros e se sentir sozinho por conta disso, é algo muito comum no autismo. É uma troca de compreensão difícil, onde nós autistas tentamos entender os típicos, e os típicos tentam entender nós autistas (...)”

Um outro *post* que ilustra essa categoria é o do perfil nº 06, no qual a autora, ao se referir à série *Amor no Espectro*, diz: “(...) me identifiquei demais com a Cassandra. Ela também fala sobre o *masking*, e sobre se sentir confortável depois do diagnóstico, clichê. Eu falo disso SEMPRE! Cassandra sou eu da Austrália”. Esses relatos de identificação com personagens sugerem que, em alguma medida, as representações presentes nessas séries estão favorecendo um processo identitário para parte da comunidade autista.

A segunda subcategoria, que recebeu o nome de “A divulgação na sociedade da neurodiversidade e de conhecimentos sobre o autismo”, representa as falas dos autistas produtores de conteúdo que vêem nos filmes e séries uma oportunidade da sociedade

conhecer o universo da neurodiversidade. Essa categoria entra em consonância com o fato, anteriormente citado, de que as produções cinematográficas nos possibilitam entrar em contato com diversas realidades e, por isso, as informações apresentadas sobre o espectro e suas características devem ser precisas (ROSA, 2020).

Como exemplos desta categoria, temos os *posts* encontrados nos perfis nº 26 e 38, em que, ao citarem a série Amor no Espectro, trazem comentários referentes à representação assertiva dos autistas, fazendo com que a sociedade em geral obtenha conhecimento acerca do TEA, sob a perspectiva dos próprios autistas. No *post* do perfil nº 26, o autor afirma que a neurodiversidade é muito bem representada na série, na qual pode-se ver pessoas autistas com características e personalidades diversas, além de trazer um enfoque do autista em relacionamentos amorosos, mostrando os mais diversos tipos de desafios enfrentados por eles e desconstruindo o paradigma social capacitista de que pessoas com autismo não são capazes de se relacionar amorosamente.

2. Análise do *corpus* no programa IRaMuTeQ

Com o objetivo de ampliar a análise categorial e verificar quais foram os filmes, séries, personagens e assuntos de maior relevância citados pelos autistas no *Instagram*, o *corpus* de análise foi submetido ao programa IRaMuTeQ, no qual foi feita uma nuvem de palavras. Este tipo de análise é apresentado como um resumo visual, no qual as palavras mais representativas são destacadas por meio do tamanho apresentado.

Como pode-se verificar na Figura 1, a palavra mais citada foi “autismo”, que corresponde à temática principal analisada pelos autistas em filmes e séries. Ademais, observa-se que as séries “*Atypical*”, “Amor no Espectro” e “*The Good Doctor*”, respectivamente, foram as mais comentadas nos perfis analisados. Em seus contextos, as séries dividiram opiniões e foram citadas, tanto em comentários positivos, como os *posts* presentes na análise anterior, realizados pelos perfis nº 06, 17, 26 e 38, quanto em avaliações negativas, como pudemos observar os *posts* anteriormente citados, realizados pelos perfis nº 39, 14 e 21. Além disso, nessas séries, podemos observar por meio da Figura 1, que alguns personagens obtiveram destaque nas falas dos autistas, como foi o caso do Sam Gardner e o Zahid, da série *Atypical*, e a Cassandra, da série Amor no Espectro.



Figura 1 - Nuvem de Palavras - Representatividade Autista em Filmes e Séries

Em relação às temáticas encontradas, “relacionamento” ganhou destaque considerável, sendo acompanhada pelas palavras “amizade” e “namoro”. Este dado corrobora os achados da análise de conteúdo, demonstrando que este é um tema bastante representado nas séries e também discutido por jovens e adultos autistas, sendo um fator demasiadamente positivo pois leva à percepção de que autistas também se relacionam na sociedade, seja de forma romântica ou fraterna.

Além disso, “representatividade” e “diagnóstico” também estão entre as palavras mais citadas, abrindo espaço para debates acerca de como a representatividade, quando realizada de forma correta, pode contribuir para a identificação de autistas com os personagens autistas, e facilitar a conquista do diagnóstico. Em outro contexto, essas palavras também estão relacionadas com comentários acerca de como a representatividade, quando realizada de forma estereotipada e não inclusiva, contribui de forma negativa com o processo de diagnóstico dos autistas, fomentando o sentimento de não pertença e/ou não identificação ao espectro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas neste estudo, percebe-se que, de um modo geral, os dados coletados indicam que a representatividade do TEA nas séries e filmes é suscetível a críticas. Mas que, por outro lado, é possível que essas produções midiáticas possam contribuir



para a formação de uma consciência social acerca do TEA e de um processo identitário mais autêntico e representativo, desde que haja a ampliação das características abordadas nessas mídias, assegurando o distanciamento do estereótipo de que todo autista é um homem branco com inteligência acima do normal.

Além disso, também é importante ressaltar que, para que o capacitismo seja combatido, o cuidado com a representação autista não deve estar presente somente na construção dos personagens, mas também na escolha do elenco e na elaboração dos roteiros.

Por fim, deseja-se que a heterogeneidade do espectro sirva de inspiração para novas produções que incluam a diversidade de características do TEA para que a comunidade autista ganhe visibilidade e fortaleça sua identidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ/CNPQ/UFPB), pelo auxílio financeiro que contribuiu com a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-5). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518. 2013.

CIPRIANO, J. A.; ZAQUEU, L. C. C. A dupla excepcionalidade: altas habilidades/superdotação associada ao transtorno do espectro autista: compreendendo as especificidades. **Conjecturas**, ISSN: 1657-5830, v. 22, n. 1. 2022.

FOMBONNE, E. Epidemiology of Pervasive Developmental Disorders. **Pediatric Research**, v. 65, n. 6, p. 591–598. 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, v. 15, n. 2, p. 233-238. 2017.



KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **New Child**. v. 2, p. 217, 1943.

MIZAEL, T. M.; RIDI, C. C. F. Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista. **Rev. Perspectivas**. ed. especial, pp.054-068. 2022.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NORDAHL-HANSEN, A.; TONDEVOLD, M.; FLETCHER-WATSON, S. **Mental health on screen: A DSM-5 dissection of portrayals of autism spectrum disorders in film and TV**. Psychiatry Res. 2018.

ORTEGA, F. et al. A construção social do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. v. 17, n. 44, jan/mar, p. 119-132, 2013.

OUROFINO, V. T. A. T.; FLEITH, D. S.; GONÇALVES, F. C. Fatores associados à baixa performance acadêmica de alunos superdotados. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 28-38, ago. 2011.

PROCHNOW, A. An analysis of autism through media representation. **A Review of General Semantics**, vol. 71, no. 2, 2014.

RATTO, A.B.; KENWORTHY, L.; YERYS, B.E.; et al. What About the Girls? Sex-Based Differences in Autistic Traits and Adaptive Skills. **Journal Autism Development Disorder** 48, p. 1698–1711, 2018.

RIBEIRO, H. M. R. **Vozes do Espectro**: documentário sobre identificação e satisfação de autistas com a representação do autismo na série *Atypical*. Brasília, 2021.

RIOS, C.; ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R.; NASCIMENTO, L. F. **Da invisibilidade à epidemia**: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface**, v. 19, n. 53, p. 325-335. 2015.

SCHMIDT, Carlo. **Transtorno do Espectro Autista**: Onde estamos e para onde vamos. Maringá: Psicologia em Estudo, 2017.

SINGER, J. **Neurodiversity**: the birth of na ideia. 2a ed. Kindle Edition, 2017.